

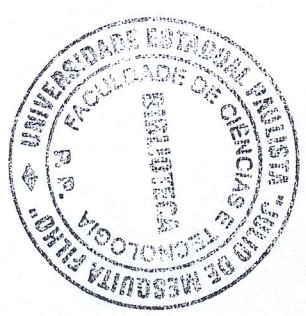
PAUL THOMPSON

# A VOZ DO PASSADO

## História oral

Tradução de  
*Lúlio Lourenço de Oliveira*

2a. Edição



XEROX D.A. -  
*100 Reprodução*  
Curso no Faltas 14  
Ano 12  
Professor Maria  
Pasta 112



## A ENTREVISTA

Ser bem-sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevistista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade. Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias idéias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas. Mas a maioria das pessoas consegue aprender a entrevistar bem.

O primeiro ponto é a preparação de informações básicas, por meio da leitura ou de outras maneiras. A importância disso varia muito. A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo idéias e informações. Com a ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo. Do mesmo modo que a "entrevista piloto" de um grande levantamento, uma entrevista de coleta de informações genéricas no início de um projeto local pode ser uma etapa muito útil. E natural-

mente não há razão alguma para fazer uma entrevista, a menos que o informante seja, de algum modo, mais bem informado do que o entrevistador. Este vem para aprender e, de fato, muitas vezes consegue que as pessoas falem exatamente dentro desse espírito. Por exemplo, Roy Hay descobriu, em sua pesquisa com os construtores navais de Clydeside, que, muitas vezes, "nossa própria ignorância pode tornar-se útil. Em muitas ocasiões, os trabalhadores mais velhos recebiam minhas perguntas ingênuas com divertida tolerância e me diziam 'Não, não, garoto, não foi desse jeito', ao que se seguia uma descrição clara e detalhada do que verdadeiramente acontecera".<sup>1</sup>

Não obstante, o que se dá na verdade é que, em geral, quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenham informações históricas importantes de uma entrevista. Por exemplo, se se estabeleceu, a partir dos jornais, a descrição básica de uma decisão política, ou de uma greve, será possível situar exatamente dentro dos acontecimentos a participação do informante, identificar até que ponto sua experiência e observações são diretas, quais recordações são de segunda mão, e reconhecer as falhas de memória entre eventos semelhantes em momentos diversos — como as duas eleições gerais de 1910, ou as greves de 1922 e 1926. Essas informações básicas podem, por sua vez, ter sido construídas de maneira muito completa a partir de entrevistas anteriores, como em relação à reconstrução sistemática da perseguição e da resistência dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, ou dos movimentos guerrilheiros locais na Itália, onde a importância de um testemunho pode ser a de corroborar e preencher com detalhes precisos os eventos, hora a hora, de um certo dia do ano de 1944, quando a família de um certo homem foi exterminada.

Um controle semelhante de detalhe pode ser estabelecido para uma entrevista de história de vida, no caso de o sujeito ser uma personalidade pública, ou um escritor, ou possuir documentos pessoais em quantidade suficiente. Muito embora parte desse material — como os próprios textos do sujeito — seja acessível antes do início da entrevista, pode-se conseguir mais resultados

com as primeiras entrevistas, que levem a correspondência, à descoberta de novos documentos e, finalmente, a mais entrevistas em outro nível de indagações. Claro que nem todo informante proeminente se dispõe a submeter-se a um processo de pesquisa passo a passo. Thomas Reeves descobriu que entrevistista intelectuais liberais norte-americanos exigia uma preparação trabalhosa e completa. Frequentemente, eram ocupados demais para conceder mais do que breves entrevistas, de modo que era essencial que se fizessem “perguntas específicas, muito bem fundamentadas”. Ainda pior, se se parece “demonstrar hesitação, ou estar procurando obter informações às cegas, o relacionamento entre os participantes de uma entrevista pode destruir-se rapidamente. Os intelectuais liberais parecem estar especialmente interessados em testar suas credenciais para ser um historiador oral, mediante o exame de seu conhecimento do assunto em discussão. Senti muitas vezes, principalmente no início de uma sessão de entrevistas, que eles é que estavam me entrevistando (...) Esse tipo de inquirição são estratégias do *status*”.<sup>2</sup>

Esse tipo de informante exigente é raro. Não obstante, mesmo num estudo histórico mais geral de uma comunidade ou de uma indústria, é importante que se obtenha o mais rápido possível um conhecimento das práticas e da terminologia locais. John Marshall, por exemplo, indica o quão enganosa pode ser a pergunta “Com que idade você deixou a escola?” nas cidades algodoceiras de Lancashire. Uma antiga fiandeira responderia: aos 14 anos; e apenas porque ele sabia que a maioria delas trabalhara em meio período nos teares muito antes de deixar a escola — fato que elas davam por sabido — é que ele então continuava com outra a pergunta: “Quando você começou a trabalhar?”<sup>3</sup> Muitos historiadores oitais descobriram que um conhecimento básico sobre os termos é útil, como um recurso para que se instaure respeito e confiança recíprocos. Beatrice Webb, dezenas de anos antes, disse a mesma coisa com sua perspicácia característica:

Interrogar rigorosamente um inspetor de fábrica sem saber distinguir entre uma fábrica e uma oficina (...) constitui uma impertinência. É

especialmente importante ter familiaridade com termos técnicos e com seu uso correto. Começar a entrevistar qualquer especialista sem ter esse domínio não apenas será uma perda de tempo, como também pode levar a um encerramento mais ou menos polido da entrevista, depois de algumas observações gerais e algumas opiniões banais (...). Pois os termos técnicos (...) são ferramentas importantes para fazer com que surjam na consciência e na expressão os fatos ou série de fatos mais obscuros e incomuns; e precisamente esses eventos mais ocultos é que são necessários para completar a análise descritiva e para a verificação de hipóteses.<sup>4</sup>

É isso não se aplica apenas ao especialista. Constitui igual “impertinência” submeter a interrogatório grande número de trabalhadores de uma comunidade ou indústria, sem primeiro se assegurar, na medida do possível, de que as perguntas são historicamente relevantes e estão corretamente formuladas para aquele contexto.

Um estudo mais amplo sobre mudança social, que dependa de um espectro relativamente amplo de informantes, também exige que, antes das entrevistas, haja uma preparação particularmente cuidadosa da forma das perguntas. Fazer perguntas da melhor maneira é evidentemente importante em toda entrevista. Contudo, esta é uma questão que pode provocar forte reação entre os historiadores orais. Pode-se estabelecer uma diferença entre os chamados “questionários” de perguntas fechadas, cujos padrões lógicos rigidamente estruturados inibem de tal modo a memória que o “respondente” — a escolha desse termo é por si só sugestiva — fica reduzido a respostas monossilábicas, ou muito curtas; e, no outro extremo, não propriamente uma “entrevista”, mas uma “conversa” livre em que a “pessoa”, o “portador-de-tradição”, a “testemunha”, ou o “narrador” é “convidado a falar” sobre um assunto de interesse comum.<sup>5</sup> A verdade é que é preciso grande destreza e um informante bem escolhido, para que se possa, como George Ewart Evans, conseguir um material extraordinário permanecendo “tranquilo e sem pressa”, dando ao informante “todo o tempo que quiser para ir em qualquer direção...” “Deixe que a entrevista flua. Nunca procure controlá-la. O menos que se pode fazer é orientá-la e procure fazer o menor

número possível de perguntas (...) Todo o tempo necessário, toda a fita necessária, e poucas perguntas".<sup>6</sup> Essas poucas perguntas baseiam-se em longa experiência, associada a uma ideia clara, obtida antecipadamente, sobre o que cada um dos informantes pode relatar.

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro "subjetivo" de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista; mas para esse fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado. Assim, quanto menos seu testemunho seja moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor. Contudo, a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado, e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita; e isso tudo, juntamente com os pressupostos não expressos, cria expectativas que moldam o que vem a seguir. Experimentos feitos com essa abordagem geralmente têm se mostrado decepcionantes: Janet Askhani descobriu que "isso tende a resultar num relato curto, e até mesmo conciso", simplesmente porque "eles não sabiam em que eu estava interessada". Os relatos fluíam muito mais livremente assim que ela começava a fazer perguntas.<sup>7</sup> Mesmo para esse objetivo, é necessária uma solução conciliatória.

No outro extremo, a busca de evidência "objetiva" do levantamento clássico aponta na direção de um espelho de incompreensão. O objetivo de uma entrevista deve ser revelar as fontes do viés, fundamentais para a compreensão social, mais do que pretender que elas possam ser aniquiladas por um entrevistador desumanizado "sem um rosto que exprima sentimentos".<sup>8</sup> Na verdade, nenhum historiador oral, que eu saiba, tem defendido o estilo de entrevista com questionário rigidamente inflexível.

Realmente, as necessidades decorrentes de determinado tipo de pesquisa é que tornam essencial o planejamento antecipado das perguntas a fazer — por exemplo, em todo projeto em que o trabalho de entrevistar é repartido numa equipe, ou quando se utilizam entrevistadores pagos; ou quando o material se destina a ser utilizado para comparações sistemáticas. Os méritos e deficiências das "duas escolas de entrevististas" estão muito bem resumidos numa comparação mais restrita, por Roy Hay:

Em primeiro lugar, existe a abordagem "objetiva/comparativa" geralmente com base num questionário ou, pelo menos, numa entrevista extremamente estruturada, em que o entrevistador mantém o controle e faz uma série de perguntas comuns a todos os respondentes. Neste caso, visa-se produzir um material que transcenda o respondente individual e possa ser utilizado para fins comparativos (...). Na mão de entrevistadores flexíveis e sensíveis, preparados para deixar de lado o roteiro quando necessário, essa abordagem pode de fato gerar um material muito útil, mas pode ser fatal. Muito facilmente linhas de inquirição promissoras são interrompidas e, pior ainda, as pessoas são obrigadas a ajustar-se ao esquema predeterminado dos entrevistadores e, desse modo, grandes áreas importantes jamais são estudadas.

No outro extremo, está o diálogo que flui livremente entre o entrevistador e o respondente, sem nenhum padrão fixo, no qual se acompanha a conversa para onde quer que ela vá. Vez por outra, esse método produz o mais inesperado e leva a linhas de inquirição completamente novas, mas pode muito facilmente degenerar em algo muito próximo do mexerico sobre fatos sem importância. Pode gerar quilômetros de fita gravação inútil e problemas de seleção e transcrição impossíveis de solucionar.

Além disso, há também o efeito das personalidades envolvidas em cada entrevista específica. Alguns entrevistadores são naturalmente mais conversadores do que outros e, assim, conseguem puxar pela língua do informante (muito embora isto seja relativamente incomum, sendo mais habitual que o efeito da tagarelice seja o de fazer com que as pessoas se calen). E os informantes variam desde os muito falantes, que precisam de poucas perguntas apenas para dar o rumo ou, vez por outra, uma pergunta muito específica para esclarecer algum ponto que esteja obscuro; até os relativamente lacônicos que, mediante estímulo,

perguntas bastante abertas e sugestões suplementares, podem revelar lembranças muito mais ricas do que parecia possível de saída.

Há alguns princípios básicos para a elaboração das perguntas, que se aplicam a todo tipo de entrevista. As perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido — em geral, apenas uma de suas metades será respondida e, em geral, não ficará claro qual delas. Evite um fraseado que leve a uma resposta indefinida: por exemplo, pergunte “Com que frequência você ia à igreja?” e não “Você ia à igreja com frequência?”. Claro que uma hesitação de vez em quando não tem importância, e até pode conseguir alguma simpatia por parte do informante. Mas estar freqüentemente confuso e pedindo desculpas é simplesmente desconcertante e deve ser evitado especialmente como um modo de fazer perguntas pessoais delicadas, uma vez que só serve para passar para o informante seu próprio constrangimento. Muito melhor será fazer uma pergunta cautelosa ou indireta, previamente elaborada e proposta de maneira que demonstre segurança. Isso mostra que você sabe o que está fazendo, de modo que é mais provável que a atmosfera se mantenha relaxada.

Você precisará usar um tipo diferente de fraseado para estabelecer fatos específicos e para obter uma descrição ou um comentário. Este último exige um tipo de pergunta “aberta”, como “Conte-me a respeito de...”, “O que você pensa/acha disso?”, ou “Você pode me falar sobre isso?”. Outras palavras-chave para esse tipo de pergunta são “explicar”, “estender-se sobre”, “comentar”, ou “comparar”. Se se trata de um tópico realmente importante, você pode estimular mais longamente: “Muito bem, então você está em... Feche os olhos e vá me contando em seqüência — o que você vê, o que você ouve...”. Também se pode sugerir uma descrição física como um modo de chegar à avaliação do caráter de alguém. No correr de toda a entrevista, sempre que você obtiver um fato insuficiente, que considere que pode ser elaborado utilmente, você pode inserir uma interjeição provoca-

dora — “Isso parece interessante”; ou, mais diretamente, “Como?”, “Por que não?”, “Quem era esse?”. O informante pode, então, pegar a deixa. Se, depois de alguns comentários, você quiser mais, pode ser mais enfático (“Isso é muito interessante”), ou um pouco provocador (“Mas há quem diga que...”), ou experimentar uma pergunta suplementar mais completa. Na maioria das entrevistas, é muito importante que se use ambos os tipos de pergunta. Por exemplo, pode ter-lhe sido dito, como um comentário geral, que “a gente se ajudava mutuamente”, “éramos todos uma grande família na rua”, mas se você fizer uma pergunta específica como “quem, de fora da família, ajudava quando a mãe estava doente”, pode ficar claro que a ajuda dos vizinhos constituía menos uma prática do que um ideal. Conseguir ir além das generalizações estereotipadas ou evasivas e chegar a lembranças detalhadas é uma das habilidades, e das oportunidades, básicas do trabalho de história oral.

Normalmente, deve-se evitar perguntas diretivas. Se você apresentar suas próprias opiniões, especialmente logo no início da entrevista, será mais provável que obtenha respostas que o informante considera que você gostaria de ouvir, e que, por isso, serão menos confiáveis, ou duvidosas, como evidência. Há algumas exceções quanto a isso. Se você sabe que alguém possui opiniões muito firmes, particularmente da perspectiva de uma minoria, pode ser fundamental demonstrar uma simpatia básica em relação a elas para poder começar. Do mesmo modo, para permitir a possibilidade de algumas respostas que, convencionalmente, seriam desaprovadas pela maioria das pessoas, pode ser melhor fazer uma pergunta que obrigue uma resposta: “Você pode me falar sobre um momento em que você teve que castigar severamente...?”, “Naquele tempo, a maioria das pessoas trazia para casa objetos que pegavam na fábrica?” ou “Ouvi dizer que o prefeito era um homem de trato muito difícil para quem trabalhava com ele” — forma essa que, muito possivelmente, provocará uma reação mais franca do que se empregar-se uma forma mais branda como “Sei que o prefeito era uma pessoa muito ge-

nerosa e judiciosa. Você achava isso dele?".<sup>10</sup> Porém, perguntas desse tipo são perigosas na maioria das ocasiões e normalmente não são convenientes. A maior parte das perguntas deve ser elaborada cuidadosamente para evitar que sugiram uma resposta. Isto, por si só, pode ser realmente uma arte. Por exemplo, "Você sentia prazer em seu trabalho?" é uma pergunta forçada; "Você gostava de seu trabalho, ou não?" ou "O que você achava de seu trabalho?" são perguntas neutras.

Finalmente, evite fazer perguntas que levem os informantes a pensar do modo que você pensa, e não do modo deles. Por exemplo, ao tratar de conceitos como classe social, a informação obtida será uma evidência muito mais vigorosa se você estimular os informantes a apresentar os termos que habitualmente utilizam e, a seguir, passar a utilizá-los na conversa que se seguir. E procure datar os eventos fixando o tempo relativamente à idade dos informantes, ou a uma etapa de sua vida, tais como casamento, ou determinado emprego, ou casa.

Mesmo que você vá levar a cabo apenas um pequeno projeto pessoal de história oral, vale a pena pensar sobre a seqüência dos tópicos das entrevistas e sobre o fraseado das perguntas. A estratégia da entrevistista não é responsabilidade do informante, mas sua. É muito mais fácil orientá-la se você já tiver um modelo básico em sua mente, de modo a que você possa passar com naturalidade de uma pergunta para outra. Isso também torna mais fácil, mesmo quando você faça digressões, lembrar sobre o que você ainda precisa ficar sabendo. Além disso, na maioria dos projetos, você precisará de alguns fatos anteriores básicos a respeito de todos os informantes (origem e ocupação da mãe e do pai; e nascimento, instrução, empregos, casamento, etc. do próprio informante), e ainda, muitas vezes, você sentirá necessidade de perguntas básicas e suplementares sobre muitos tópicos. Se você já as tiver elaboradas na cabeça, e puder lançar mão delas quando necessário, será mais fácil concentrar-se sobre o que está dizendo o informante, em vez de ficar pensando em como conseguir fazer um aparte.

Para muitos fins, uma relação de títulos abreviados como lembretes dos tópicos menos frequentes é o bastante. Para um trabalho em equipe, porém, ou para um projeto comparativo de qualquer dimensão, é conveniente haver um roteiro de entrevistista elaborado de maneira mais completa. Exemplo disso, completado com instruções para os entrevistadores, está ilustrado no apêndice de Modelos de Perguntas. Um roteiro desse tipo pode ser vantajoso, desde que seja utilizado com flexibilidade e imaginação; pois, em princípio, quanto mais claro estiver para você o que vale a pena perguntar e qual a melhor maneira de perguntar, mais você conseguirá obter de *qualquer* tipo de informante. Com pessoas relativamente reticentes que, logo de início, vão dizendo: "Tudo bem, contanto que você faça as perguntas", isso é bastante evidente: e informantes desse tipo são bastante comuns. Então, você pode, mais, ou menos, metodicamente, seguir o que está no roteiro. Com pessoas que falam bastante, o roteiro deve ser utilizado de modo diferente. Se elas possuem idéia clara do que querem dizer, ou a direção em que deve caminhar a entrevistista, acompanhe-as. E sempre que possível evite interromper uma narrativa. Se você interrompe uma história por considerá-la irrelevante, es-tará interrompendo não apenas essa, mas toda uma série de ofertas posteriores de informações que *serão* relevantes. Mais cedo ou mais tarde, porém, as pessoas desse tipo terão esgotado seu estoque imediato de recordações e elas mesmas irão querer que você faça perguntas. Com essa espécie de informante serão necessárias várias visitas e, depois, você pode reproduzir as gravações feitas, conferindo com o roteiro o que foi coberto e o que vale a pena perguntar em sessões subsequentes. Neste caso, a forma impressa do roteiro se torna particularmente útil. Normalmente, porém, é muito melhor saber as perguntas, fazê-las diretamente no momento oportuno, e manter o roteiro em segundo plano. Ele é essencialmente um mapa para o entrevistador; pode-se recorrer a ele ocasionalmente, mas o melhor é tê-lo na cabeça, de modo que se possa percorrer o território com segurança.

Certas outras decisões precisam ser tomadas antes da entre-

vista. Em primeiro lugar, que equipamento deve ser utilizado? Numa pequena parte de contextos, a melhor resposta é: nenhum. O simples ato de tomar notas, para não falar no uso do gravador, pode despertar a suspeita em algumas pessoas. O temor dos gravadores é bastante comum entre profissionais cuja ética de trabalho dá grande ênfase à confidencialidade e ao segredo, tais como funcionários públicos, ou gerentes de bancos.<sup>11</sup> Por razões diversas, pode ser encontrado também entre pessoas muito velhas, que são hostis à nova tecnologia; entre minorias que sofreram perseguições e que temem que qualquer informação gravada possa cair nas mãos da polícia ou de autoridades e ser utilizada contra elas; ou em comunidades muito fechadas, onde se teme o mexerico. Algumas pessoas podem opor-se à gravação, mas não a que se tomem notas. Ainda que nenhuma das duas coisas se possa fazer, um entrevistador qualificado pode aprender a reter o suficiente das informações principais e das frases essenciais para lançá-las no papel logo depois, e fazer uma entrevista que valha a pena. Na verdade, até que o gravador fizesse que esse método parecesse, comparativamente, impressionista, essa era a prática sociológica mais comum.

A maioria das pessoas, porém, admitirão o uso do gravador com muito pouca ansiedade e rapidamente deixarão de preocupar-se diretamente com ele. O gravador pode até ajudar a entrevista. Enquanto ligado, é um pouco mais provável que as pessoas se mantenham dentro do assunto e que outros membros da família se mantenham afastados. E muito freqüentemente, quando ele é desligado, alguns fatos adicionais extremamente significativos podem ser fornecidos, os quais poderiam ter sido reitados, se não houvesse nenhum gravador; informações que se pretende que o pesquisador fique sabendo como pano de fundo, mas em caráter confidencial (e que, naturalmente, devem ser tratadas dentro desse espírito). Ao utilizar um gravador é importante não chamar atenção para o aparelho, nem distrair-se ocupando-se dele. Se for um gravador novo, não deixe de ler o manual que o acompanha, de pedir a alguém que mostre como funciona, e de treinar instalá-lo e

fazê-lo funcionar. Antes de sair para a entrevista, verifique se está funcionando e se você tem não só todos os componentes e fitas de que precisa, como também pilhas e adaptadores para tomadas.

Você pode também levar consigo diversos auxílios para a memória. Um velho recorte de jornal ou um guia das ruas do lugar podem ser úteis. George Ewart Evans muitas vezes leva uma ferramenta de trabalho. "Na zona rural, muitas vezes levo comigo uma velha foice serrilhada. Com aquilo ali, não é necessária nenhuma explicação abstrata a respeito do que você está indo fazer. O entrevistado vê o objeto e, se você escolheu bem, ele não precisa de nenhum estímulo para se abrir. Ambos estamos desde o início diretamente dentro do tema." Do mesmo modo, se ele fosse encontrar um velho mineiro, levaria algum utensílio de uso comum dos mineiros.<sup>12</sup> Como o ponto central de suas entrevistas é o processo de trabalho, uma ferramenta desse tipo é um ponto de partida ideal. Se o assunto fosse a infância em família, uma peça de roupa seria melhor; ou no caso de uma história de vida política, um velho panfleto. Essas coisas podem também estimular o aparecimento de cartas antigas, diários, recortes e fotografias, que é algo que vale a pena estimular e que pode ser o mais valioso subproduto de uma entrevista.

A seguir, onde deve ser feita a entrevista? Deve ser um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar será sua própria casa. Isso é particularmente verdadeiro no caso de uma entrevista centrada na infância ou na família. Uma entrevista no local de trabalho, ou num bar, irá ativar mais fortemente outras áreas da memória, e também pode ter como resultado uma mudança para um modo de falar menos "respeitável". Um passeio pelo bairro pode também mostrar-se compensador e estimular outras recordações.

Quase sempre, o melhor é ficar sozinho com o informante. A completa privacidade proporcionará uma atmosfera de total confiança em que a franqueza se torna muito mais possível. Em geral, isto se dá mesmo em relação a um casal de velhos entre os quais haja particular intimidade. Claro que nem sempre é fácil

encontrar um modo delicado de vê-los separadamente. (Isso é mais fácil se você entrevistar os dois; e especialmente se dois entrevistadores forem juntos à casa do casal e ali se separarem, cada um em um cômodo.)

A presença de outra pessoa na entrevista não só inibe a franqueza, como exerce uma sutil pressão no sentido de um teste-munho socialmente aceitável. Felizmente, porém, nem tudo é desvantagem. Um velho casal, ou um irmão e uma irmã, frequentemente proporcionarão correções de informação positivamente úteis. Pode ser também que cada um estimule a memória do outro. Esse efeito acentua-se ainda mais quando se reúne um grupo maior de pessoas idosas. Nesse caso, haverá uma tendência muito mais forte, do que privadamente, de que se apresentem generalizações a respeito dos velhos tempos; mas como eles discutem e trocam histórias uns com os outros, podem surgir alguns *insights* fascinantes. Claro que as narrativas, mais do que algo comum, devem ser compreendidas em parte como formas de arte, que transmitem significados simbólicos — na verdade, é provável que um número muito maior delas seja a respeito de *outras* pessoas. Às vezes, porém, um grupo, por exemplo num bar, pode ser a única via para se chegar ao mundo secreto de uma experiência de trabalho comum de sabotagem ou de roubo, ou aos estratégias secretos dos caçadores clandestinos no campo.

O grupo pode também representar um recurso útil em outras situações. John Saville e um estudante pesquisador reuniram-se com três líderes do Movimento dos Trabalhadores Desempregados de Manchester, da década de 1930, e, em cinco horas de discussão cooperativa, reconstruíram muitas das falhas da evidência de jornais que haviam reunido antecipadamente. Com figuras públicas mais na defensiva, como os políticos canadenses, Peter Oliver verificou ser eficiente um interrogatório minucioso feito por dois e até três entrevistadores, e David Edge usou uma entrevista triangular para seu trabalho sobre rádio-astrônomos. Beatrice Webb, muito embora defendesse vigorosamente a privacidade para as entrevistas normais, desenvolveu também uma

técnica de “entrevista por atacado” na atmosfera mais relaxada de eventos sociais, por ocasião de uma festa, “até mesmo lendo a sorte em suas mãos, com todo tipo de resultados interessantes!”, na mesa do jantar, ou no salão de fumar, descobriu que “se pode às vezes fazer com que vários especialistas discutam entre si; e, desse modo, se colherão mais informações em uma hora do que se conseguiria durante um dia inteiro com uma série de entrevistas”.<sup>13</sup>

Uma vez que as decisões preliminares tenham sido tomadas, você tem que fazer contato com o informante que escolheu. Pode escrever-lhe (anexando um envelope sobrescritado e selado para resposta), ou às vezes procurá-lo pessoalmente ou por telefone. Será sempre mais fácil se você puder dizer que foi uma outra pessoa das relações sociais do informante quem o recomendou. Você precisa explicar sucintamente o objetivo da pesquisa. Sugira uma data possível para uma primeira visita, mas sempre permita que o informante possa propor outra, ou possa recusar-se inteiramente a participar. Com uma pequena parte de informantes, como políticos ou profissionais de nível superior, pode ser prudente expor, de maneira mais completa, sua proposta de pesquisa e como você pretende utilizar a entrevista. Isso o ajudará a decidir-se por recebê-lo ou não, e deixará claro seu direito futuro de utilizar o material. Alguns deles poderão começar a pensar nos tópicos que lhe interessam e a procurar alguns documentos antigos antes de você chegar.

A maioria das pessoas provavelmente acharia desagradável receber uma carta assim tão longa, de modo que é melhor esperar até o primeiro encontro. Comece então explicando o tema de seu projeto ou de seu livro e a maneira como o informante pode auxiliá-lo. Muitos dirão que não têm nada de útil para lhe contar e precisarão que se reafirme que a experiência que possuem é preciosa, que ela é desconhecida dos jovens cujas vidas foram muito diferentes e fundamental para que se construa a verdadeira história social. Alguns ficarão verdadeiramente surpresos com seu interesse e você precisará ser ainda mais encorajador nas primeiras etapas da entrevista. Alguns proporão explicitamente a questão



da confidencialidade e não quererão fornecer seus nomes. Seja franco quanto a suas intenções e honre todas as promessas que fizer. A maioria das pessoas confiará em que você será discreto quanto ao que lhe contarem — e essa confiança deve ser respeitada. Não vinculem seus nomes, sem seu consentimento explícito, a citações que sejam prejudiciais a eles próprios ou a seus vizinhos.

O começo desse primeiro encontro é em geral o melhor momento para perguntar se a entrevistista pode ser gravada, embora às vezes isso possa ser mencionado no contato inicial. Alguns historiadores orais julgam que o primeiro encontro deve ser utilizado como uma visita exploratória, curta, para preparar e conhecer um informante, sem usar o gravador. O inconveniente disso é que, mesmo ao se procurar obter os fatos básicos a respeito dos antecedentes do informante, é difícil não penetrar na essência da memória. Você pode voltar aos mesmos dados numa segunda visita, mas provavelmente as mesmas coisas serão apresentadas de maneira muito mais bombástica. Segundo minha própria experiência, o melhor é pôr o gravador a funcionar logo que você possa, assim que você comece a falar.

Isso levanta uma outra questão controversa entre os historiadores orais — a qualidade da gravação. Para uma gravação realmente boa, da qualidade exigida para um programa de rádio, você deveria chegar com um bom equipamento e utilizá-lo adequadamente. Infelizmente, as mudanças técnicas fundamentais que a gravação digital de áudio implica significam que, por alguns anos mais, as escolhas serão difíceis, uma vez que um equipamento caro pode tornar-se rapidamente obsoleto. Atualmente, você pode obter os melhores resultados com um aparelho de dois cartreís (de rolo), gravando a uma velocidade não menor que 3,75 polegadas por segundo (p.p.s.). Um gravador de cassette de boa qualidade pode aproximar-se dessa qualidade de gravação (ainda que não para armazenamento) a um custo mais baixo; mas um gravador de cassette barato, com microfone embutido, será absolutamente inútil. Você precisará, sem dúvida, de um micro-

fone separado e valerá muito a pena gastar algum dinheiro a mais na qualidade dele. Antes de começar, você provavelmente terá que eliminar problemas acústicos do cômodo, instalando cuidadosamente o equipamento e posicionando o microfone, que pode ser preso à roupa do informante ou até colocado como um colar em torno de seu pescoço. Enquanto não estiver tudo pronto, você deve evitar falar a respeito do assunto que deseja gravar. Muito embora os produtores de rádio saibam como fazer tudo isso de um modo descontraído, em geral com pessoas com quem jamais se encontraram, não há dúvida de que isso sempre aumenta um pouco a tensão do ambiente. Simples historiadores não possuem o prestígio que têm os meios de comunicação de massa para suavizar os pedidos que fazem, nem os recursos financeiros para comprar equipamentos como os deles, e não lhes resta outra opção senão satisfazer-se com padrões menos elevados. Isto, porém, não quer dizer que não valha a pena saber como tirar o máximo do aparelho que você tem, do mesmo modo que não há nenhuma virtude especial em dirigir mal um carro, ou em datilografar só com dois dedos. E há algumas regras elementares que tornarão melhor a qualidade das gravações feitas com qualquer gravador.

Em primeiro lugar, procure utilizar um cômodo tranquilo em que você não seja perturbado por vozes de outras pessoas e onde não haja outros ruídos fortes ou problemas acústicos causados por superfícies rígidas. O barulho do tráfego de fora pode ser abafado com o uso de cortinas, mas o crepitar do fogo soará surpreendentemente forte na fita gravada, especialmente se o microfone não estiver próximo da boca de quem fala. Em sua experiência com a gravação de dialetos em casas comuns, Stanley Ellis verificou que o rádio e a televisão, o tique-taque de um relógio, ou um canário podem

estragar completamente uma gravação (...). Deve-se observar bem a acústica do cômodo. Um cômodo pequeno, cheio de móveis e com roupa dependurada num varal interno pode ser um bom estúdio. Uma cozinha grande ladrilhada e com paredes rebocadas pode produzir enorme reverberação suficiente para estragar toda a gravação.<sup>14</sup>

A seguir, pense onde colocar o gravador e o microfone. Nunca os coloque muito perto um do outro, senão você gravará o ruído do próprio aparelho. O melhor lugar para o gravador é no chão, fora da vista do informante mas onde você o possa observar, olhando-o de vez em quando para ver se a fita está perto de terminar, sem chamar atenção para isso. O microfone não deve ser colocado sobre uma superfície rígida, vibrante, nem muito distante de quem vai falar. Não grave através de uma mesa de tampo rígido. Idealmente, o microfone deve estar a uns trinta centímetros da boca do informante. Se preferir sentar ao lado dele, você pode segurar o microfone, com mão firme; ou pô-lo num pedestal, ou sobre uma almofada ou um pano dobrado sobre uma mesa ao lado. Tudo isso pode ser feito muito rapidamente. Você pode enfatizar que é a voz do informante que você precisa e não o som do relógio, do passarinho, ou do rádio. Ao mesmo tempo assegure-se de que o informante esteja sentado confortavelmente, que não tenha deixado de usar sua cadeira favorita. Então, ligue o gravador e deixe-o rodar, enquanto conversam. Reproduza o que tiver gravado para verificar que o nível de gravação está corretamente ajustado. Se o nível estiver muito baixo, os ruídos de fundo dominarão a gravação; se estiver muito alto, o som sairá distorcido. Então, ponha de novo o gravador a funcionar e, a não ser para trocar de fita, deixe-o rodar por todo o tempo que durar a sessão. É mau costume desligar o gravador quando o informante está divagando fora do assunto, ou enquanto você faz as perguntas. E nunca comece fazendo uma abertura formal ao microfone: "Esta fita é de Fulano entrevistando Beltrano em tal lugar"; isso é uma coisa que formaliza e esfria o ambiente. Você pode deixar um espaço livre no começo da fita para acrescentar isso depois, se quiser — não antes, porém, porque pode ser reproduzido quando você fizer o teste inicial de gravação.

Agora você está pronto para lançar sua pergunta inicial. O que acontece a seguir variará muito, dependendo do tipo de informante, do estilo de entrevistista que você preferir e do que você quer saber. Mas aqui também há algumas regras básicas. Uma

entrevista é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discutir. Por baixo disso tudo está uma idéia de cooperação, confiança e respeito mútuos.

Uma entrevista *não* é um diálogo, ou uma conversa. Tudo o que interessa é fazer o informante falar. Você deve manter-se o mais possível em segundo plano, apenas fazendo algum gesto de apoio, mas não introduzindo seus próprios comentários ou histórias. Essa não é ocasião para você demonstrar seus conhecimentos ou seu charme. E não se deixe perturbar com as pausas. Ficar em silêncio pode ser um modo precioso de permitir que um informante pense um pouco mais e de obter um comentário adicional. Hora de bater papo é depois, quando o gravador for desligado. Claro que você pode exagerar nesse sentido, e fazer com que o informante fique gaguejando por falta de um retorno seu. Ficar remoendo uma pausa em silêncio, depois de esgotado um assunto, é desanimador e antes que isso aconteça deve ser feita uma pergunta firme. Mas em geral você não deve fazer mais perguntas do que o necessário, de um modo claro, simples, e sem pressa. Mantenha o informante relaxado e confiante. Acima de tudo, nunca interrompa uma narrativa. Se você quiser, ao final da digressão, volte ao tema original, com uma frase como "Antes você estava dizendo...", "Voltando a...", ou "Antes de a gente continuar...". Porém, se o informante quiser continuar numa nova linha, é axiomático que se esteja preparado para acompanhá-lo.

Continue a mostrar-se interessado durante toda a entrevista. Em vez de ficar sempre repetindo "sim" — o que soará tolo na gravação — é muito fácil aprender a fazer a mímica da palavra, balançando a cabeça, sorrindo, erguendo as sobrancelhas, olhando para o informante de modo encorajador. Você precisa ter perfeita clareza sobre até onde chegou a entrevista e, sobretudo, evitar de perguntar sobre uma informação que já tenha sido dada. Isso

exige memória viva e intensa concentração. Você pode achar que precisa tomar algumas notas à medida que vai avançando, embora seja melhor dispensar essa ajuda se puder. Ao mesmo tempo, você deve estar atento à coerência das perguntas e a contradições com outras fontes de evidência. Se tiver dúvida a respeito de alguma coisa, procure voltar ao assunto de outro ângulo, ou sugerindo, com tato e delicadeza, que talvez haja uma opinião diferente a respeito da questão — “Ouvi dizer que...” ou “Li em algum lugar que...”.

Especialmente importante, porém, é não contradizer o informante ou discutir com ele. Como observa mordazmente Beatrice Webb:

“Exibir-se” ou discutir é desastroso: deve-se permitir que o cliente exprima livremente suas narrativas fictícias, desenvolva suas teorias sem propósito, use os argumentos mais tolos, sem qualquer objeção ou expressão de discordância ou de ridículo.<sup>15</sup>

Sem dúvida alguma, quanto mais você demonstrar compreensão e simpatia pelo ponto de vista de alguém, mais você poderá saber sobre ele.

Falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas que, por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante. Quando isso acontecer, dê-lhe um apoio generoso, como faria a um amigo. Com alguns informantes, pode ser mais prudente deixar as perguntas mais delicadas para uma etapa posterior da entrevista. Se for absolutamente fundamental obter uma resposta, espere até o fim, talvez até desligando o gravador. Nunca, porém, pressione demais quando um informante pareça estar na defensiva ou relutando em responder. Em geral, será melhor procurar orientar-se no sentido de uma conclusão mais aberta, pedindo que resuma o que sentiu em relação a uma dada experiência, ou se acha que há algo a acrescentar. Uma entrevistista que termina em tom de relaxamento será mais provavelmente lembrada com prazer e levará a outra.

Você precisa sempre procurar estar sensivelmente consciente de como seu informante está se sentindo. Se parece inquieto e só dá respostas muito concisas, pode estar cansado ou indisposto, ou preocupado com o relógio por causa de algum outro compromisso: nesse caso, encerre a sessão de gravação o mais rápido que puder. Embora evitando estar sempre olhando para o relógio, adapte-se sempre a seus horários, e chegue pontualmente quando estiver sendo esperado, para que ele não fique tenso à sua espera. Em circunstâncias normais, uma hora e meia ou duas horas será em todo caso um tempo máximo razoável. Uma pessoa de idade, pelo interesse da situação, pode não se dar conta do risco de se cansar excessivamente, mas certamente se arrependerá disso depois, e pode não querer repetir a experiência.

Não saia imediatamente depois da sessão de gravação. Você deve ficar um pouco, dar algo de si, e mostrar simpatia e apreço em retribuição ao que lhe foi dado. Aceite um chá, se lhe oferecerem, e esteja disposto a bater papo a respeito da família e de fotografias. Esse pode ser o momento em que mais provavelmente poderão emprestar-lhe documentos. É uma boa hora para combinar uma nova visita. Você pode pensar em retribuir com alguma ajuda prática imediata, carregando ou pregando alguma coisa, ou com algum conselho sobre como fazer para resolver um problema que esteja preocupando o informante. Na verdade, como afirmou convincentemente Ann Oakley, às vezes pode ser “moralmente indefensável” abster-se de ajudar desse modo e de compartilhar experiência, falando mansamente sobre si mesmo e suas idéias.<sup>16</sup> Uma vez ou outra, este poderá ser o começo de uma amizade duradoura. Mas aja com tato e cautelosamente. Não discuta a respeito de assuntos que possam ser controvertidos, tais como comportamento dos adolescentes ou política, o que poderá contribuir para criar alguma reserva posteriormente.

Em algumas situações de entrevistista, pode ser oferecida uma hospitalidade mais grandiosa — um farto almoço com bebidas — que talvez dê ênfase ao problema normal de obrigação mútua, produzindo uma pressão para criar uma versão “oficial” da histó-

um debate informal à mesa do jantar. Não obstante, vários historiadores orais, tais como James Wilkie no México, Lawrence Goodwin no Sul dos Estados Unidos, e Peter Oliver no Canadá, têm defendido a necessidade de "interrogar insistentemente" de modo muito mais vigoroso. O historiador oral, segundo Peter Oliver, ainda que evitando uma postura de franca "oposição",

não deve hesitar em contestar as respostas que recebe e em esquadriñar (...) "Ora, vamos, senador, é claro que houve mais a respeito disso...? O sr. Fulano afirma que...". A maioria dos políticos são tipos bastante experientes e caalejados; poucos deles se ressentirão por serem forçados a rever sua resposta inicial, se isso for feito com tato e habilidade, e muitas vezes só desse modo é que o entrevistador desvendará um material verdadeiramente significativo.<sup>20</sup>

Caso comparável é o proporcionado pelos eminentes rádio-astrônomos entrevistados por David Edge. Eles mesclavam uma imagem muito idealizada da ciência, e do que era importante para sua história, à atitude defensiva necessária para o êxito na política competitiva de subvenções do mundo científico. Ele desenvolveu um método triangular no qual o rádio-astrônomo era entrevistado ao mesmo tempo por Edge que, como ex-cientista e talvez amigo pessoal, e já dominando segredos internos, estava armado para contestar a respeito de questões técnicas, e por Mike Mulkey, um sociólogo cientificamente ingênuo, alerta para lançar-se contra incoerências e tópicos de interesse mais amplos. Em geral, era David Edge, quem conduzia a entrevista, insistindo sobre detalhes, contestando e discutindo; Mike Mulkey entrava como um "forasteiro", e muitas vezes havia uma mudança perceptível na voz do informante quando a pergunta vinha dele. Essa técnica argumentativa depende evidentemente, em parte, de algum tipo de co-participação num dado grupo social e, em parte, de saber exatamente até onde se pode levar a contestação.

Na situação inversa extrema, os principais problemas do entrevistador encontram-se em nível bastante diferente, na verdade mais básico. Um historiador europeu coletando tradição oral na África está atuando dentro de uma cultura completamente es-

tranha, e geralmente preocupado em aprender algo de sua língua e de suas regras básicas. Entre os kuba, por exemplo, Jan Vansina descobriu que, a menos que todas as pessoas certas estivessem presentes e que fosse escolhido o local correto, apenas determinadas partes das tradições da tribo seriam relatadas. "Entre os akan, tinham que ser feitos sacrifícios aos ancestrais antes que fossem recitadas certas tradições, de modo que o pesquisador de campo deve estar munido de um carneiro ou de uma barrica de rum para esse fim." Os bushongo precisam que se lhes forneça vinho de palmeira fermentado domesticamente e só recitam suas tradições à noite, na presença das relíquias de seus antepassados. Em seu país, um historiador inglês sabe que não deve tentar entrevistar um taverneiro num dia feriado, ou um padre numa Sexta-feira Santa, e pode concentrar a atenção sobre nuances sociais menos elementares. Como também não precisa, em geral, depender de intérpretes, ou pagar para que lhe ofereçam testemunhos. A maioria das regras básicas, como evitar perguntas diretas e a necessidade de se assegurar de que o informante está relaxado, aplicam-se a quem coleta informações na África como em qualquer outro lugar; e com criatividade até mesmo alguns dos problemas peculiares podem ser postos uns contra os outros:

Deve-se procurar perceber se o informante está (...) impedido de sentir-se tentado a prestar um falso testemunho a fim de cair nas boas graças dos pesquisadores de campo (...) O informante não deve saber se o pesquisador de campo está ou não interessado em seu testemunho, pois se souber, ele o distorcerá. Por isso, os bons informantes não devem ser recompensados a preço mais alto que os maus (...) Além disso, durante a gravação do testemunho, deve-se adotar uma atitude simpática para com o informante, sem, contudo, deixar transparecer os verdadeiros sentimentos. Em Ruanda e em Burundi, onde gravei testemunhos em fita magnética, dei a entender que não compreendia uma só palavra da língua. O funcionário que me acompanhava explicaria ao informante o que ele tinha que fazer e, a seguir, o informante podia recitar o testemunho como quisesse. Estando convencido de que eu não compreendia o que estava dizendo, achou que não importava o modo como o dissesse, e não teve nenhum motivo para distorcer a tradição.<sup>21</sup>

ria. Na maioria dos casos, porém, você pode mostrar sensibilidade ao utilizar o material que foi oferecido, ainda que ele contribua para uma conclusão sua que não seja compartilhada por seu informante. Quanto a isso, Beatrice Webb não tem dúvidas:

Aceite o que lhe for oferecido (...) Na verdade, quanto menos formal a situação de entrevista, melhor. A atmosfera da mesa de jantar ou o salão de fumar é um "condutor" melhor do que o escritório durante o expediente (...) Uma visita conduzida pessoalmente a esta ou aquela fábrica ou instituição pode ser uma perspectiva sombria; pode até parecer um desperdício de esforço examinar maquinarias ou instalações que não se pode compreender, ou que foram vistas antes *ad nauseam* (...) Mas será um erro não aceitar. No correr dessas caminhadas cansativas e esperas aborrecidas, podem ser lembradas ou evocadas experiências que não teriam aflorado na entrevista formal no escritório.<sup>17</sup>

O comentário que ela faz baseia-se em seu próprio trabalho de pesquisa em que a situação normal de entrevista foi incomum sob dois aspectos: tanto a entrevistadora quanto o informante provinham dos níveis mais altos da sociedade e tinham ambos aproximadamente a mesma idade. Em geral, os entrevistadores, sejam historiadores profissionais, ou mulheres casadas que geralmente são contratadas para o trabalho de pesquisa, são de classe média e com seus 30 ou 40 anos. Seus informantes são, geralmente, gente comum da classe trabalhadora ou da classe média e, em trabalhos de história oral, frequentemente muito mais velhos. Assim, à sua modéstia habitual, acrescenta-se a fragilidade da velhice e uma particular vulnerabilidade ao desconforto e à ansiedade. A alteração desse equilíbrio social pode ter implicações para o método de entrevista, que devem ser tomadas em consideração. Por exemplo, uma entrevistada com alguém do sexo oposto frequentemente provocará simpatia e reação positiva; há, porém, confidências de certo tipo, por exemplo sobre comportamento sexual, que provavelmente são trocadas com mais facilidade entre pessoas casadas do mesmo sexo. Uma pessoa muito jovem, ou alguém de categoria muito superior, pode ter mais dificuldade em conquistar confiança. A raça pode oferecer outro tipo de barreira.

Por outro lado, uma pessoa com os mesmos antecedentes de classe operária e da mesma comunidade que o informante conseguirá uma boa relação inicial, muito embora posteriormente possa encontrar dificuldade em fazer perguntas devido a um rede de relações comum, ou porque a resposta (muitas vezes erradamente) parece óbvia. Do mesmo modo, pode-se enfrentar enormes problemas de reservas quando se entrevista alguém da própria família. Deve-se reconhecer que existem diferenças de antecedentes sociais e, sempre que possível, enfrentá-las variando o estilo da entrevista.

O problema que mais se repete é o apresentado pela personalidade pública como informante. Pessoas desse tipo são geralmente mais rígidas e competentes, e talvez também mais jovens, do que o informante típico. Podem possuir uma idéia tão firme a respeito da própria história, e do que é importante nela, que tudo que podem oferecer são recordações estereotipadas. Frequentemente, também, "no correr de longas carreiras na vida pública, terão desenvolvido uma carapaça protetora por meio da qual se protegem contra perguntas incômodas e, embora pareçam estar dizendo algo valioso, oferecem de fato o menos possível". Isso pode ter se tornado um hábito tão arraigado que "o sujeito, mesmo que tente ser franco e sincero, dará, quase sem pensar, as mesmas respostas-chavão que foram tão convenientes em outras ocasiões. Esse véu defensivo é que precisa ser rompido pelo entrevistador".<sup>18</sup>

Veja por outra, a própria inocência pode conseguir perfurar a carapaça. "Os políticos possuem a experiência que mais os capacita a serem capazes de lidar muito sabidamente com um jovem e inocente historiador", observa Asa Briggs. Porém, "alguém bem jovem pode (...) conseguir um monte de coisas de um velho que não seriam obtidas por membros da mesma geração". O mais das vezes, não existe alternativa a não ser tentar ser "ao mesmo tempo, sensível e firme".<sup>19</sup> Algumas das regras básicas continuam a se aplicar: o perigo de interromper com um interrogatório insistente e por demais provocador, e também as vantagens de, por exemplo,

Em certo sentido, esse exercício de não-comunicação cultural facilitado pelo dinheiro é uma paródia de como entrevistar, tanto quanto os piores exemplos de sedução e insinuação na televisão da ex-capital imperial. Esperamos que brevemente os africanos estejam criando sua própria história oral. Mas esses casos extremos são na verdade úteis para ilustrar a necessidade de flexibilidade do método; e a possibilidade, também, de conseguir obter material de valor em circunstâncias extremamente adversas.

Devemos, contudo, voltar ao historiador comum que deixamos batendo papo por sobre uma xícara de chá. Depois de deixar o local da entrevista, ainda há três coisas que devem ser feitas. Em primeiro lugar, registre o mais rápido que puder todos os comentários sobre o contexto da entrevista, a personalidade do informante, observações adicionais feitas sem serem gravadas, e o que talvez *não* tenha sido dito. A seguir, coloque uma etiqueta na fita ou na caixa. Depois, faça tocar a fita para conferir quais as informações obtidas e o que você ainda precisa obter. Em especial, assegure-se de que possui os fatos essenciais a respeito do informante que todo historiador social gostará de saber para utilizar como evidência: idade, sexo, residência e ocupação do informante e também a ocupação de seus pais. Ao mesmo tempo, você pode relacionar todos os nomes cuja grafia seja preciso conferir com o informante. Finalmente, se essa foi sua última visita, você pode verificar esses itens juntamente com sua carta de agradecimento (mais uma vez, enviando junto um envelope sobrecrito e selado para resposta). Será conveniente que essa carta reafirme o objetivo geral da entrevista e, se for o caso, avante as questões de confiencialidade ou de direitos autorais. De todo modo, porém, ela será um gesto de cortesia que será apreciado. É desse tipo de cuidados pessoais, quase tanto quanto do conhecimento histórico especializado, que depende o êxito na atividade de entrevistar.

## ARMAZENAMENTO E CATALOGAÇÃO

Completo-se a gravação: mas agora, como devem ser conservadas as fitas? E como podem ser utilizadas para a construção da história? Precisamos, primeiro, considerar os problemas de armazenamento e de indexação e, a seguir, as etapas da escrita e da apresentação da história com evidência oral.

Como a gravação em fita magnética é uma técnica relativamente recente, ainda não se tem total segurança sobre quanto tempo ela pode durar, nem quais as condições ideais para seu armazenamento. Ademais, a qualidade da fita tem sido gradativamente aprimorada e, com isso, mudaram as mais importantes considerações sobre seu armazenamento. A introdução do áudio digital trará outras mudanças fundamentais dentro dos próximos cinco anos. As fitas atuais de boa qualidade já não possuem uma base propensa a deteriorar-se. Agora, o problema principal é evitar o "print-through", ou ecos de som, que podem desenvolver-se durante o armazenamento. Alguns peritos recomendam diversos recursos para reduzir o risco do *print-through*, tais como fazer rodar a fita num gravador uma vez por ano, de modo que ela seja rebobinada, mas não é muito claro que isso constitua uma medida de segurança que valha a pena — na verdade, no fim das contas, pode criar riscos maiores de outros danos. Até o momento, há apenas duas regras seguras.

Em primeiro lugar, a qualidade da fita utilizada para ser armazenada deve ser cuidadosamente escolhida. Se, para a grava-